

Desempenho comercial e padrão de concorrência internacional: uma análise do setor têxtil-confecções catarinense entre 1996 e 2006*

Ricardo Lopes Fernandes

Mestre em Economia e Professor do Departamento de Economia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

Sílvio Antonio Ferraz Cario

Doutor em Economia e Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Ao longo da história, o setor têxtil-confecções tem acompanhado as modificações no padrão produtivo da indústria de transformação. Nos últimos anos, observam-se profundas mudanças não somente no processo produtivo, através da incorporação da microeletrônica e, como seu reflexo, da redução na intensidade da mão-de-obra, mas também na distribuição das cadeias internacionais da produção e nas principais variáveis que definem a competitividade do setor entre as empresas e os países. Dentro desse cenário, no presente artigo, procura-se identificar como se deu o comportamento comercial da indústria têxtil-confecções do Estado de Santa Catarina, a partir da reação do empresariado catarinense às mudanças no padrão de concorrência e na abertura comercial, utilizando-se como parâmetro o desempenho notado no âmbito nacional. Verificou-se que o Estado de Santa Catarina manteve, no período observado, melhor desempenho que o conjunto do setor no Brasil, todavia, em ambos os níveis, nota-se a evolução de um quadro preocupante no que diz respeito às condições de competitividade das empresas do setor.

Palavras-chave: têxtil-confecções; padrão de concorrência; Santa Catarina.

Abstract

Throughout the history, the textile industry has followed the changes in the productive pattern of the manufacturing industry. In recent years, a great transformation in the productive process by means of the incorporation of microelectronics and by the reduction of labor force intensity. In addition, changes have occurred in the distribution of international production chains

* Artigo recebido em 19 nov. 2008.

and in the main variables that defines industry's competitiveness between firms and countries. This article intends to identify how Santa Catarina's textile-firms commercial behavior has been established, considering the exporting behavior of the firms within this industry in the national level. It was observed that Santa Catarina state had a better performance than the sector's national aggregation. However, at both levels it can be seen the evolution of a worrying scenario in the sense of the firms competitiveness conditions in textile industry.

Key-words: *textile; pattern of competition; Santa Catarina.*

1 Introdução

A indústria têxtil-confecções é reconhecidamente uma das principais protagonistas da I Revolução Industrial e, até os dias de hoje, tem um papel significativo na estrutura produtiva de muitos países. Para se manter presente entre as principais atividades produtivas, o referido setor teve que se modernizar juntamente com os paradigmas técnico-produtivos que vieram a seguir. Nesses termos, em consonância com o padrão atual, essa indústria rejuvenesce com a introdução da microeletrônica, a intensificação dos processos inovativos e a internacionalização dos mercados.

No Brasil, o processo de reestruturação da indústria têxtil-confecções iniciou-se a partir da abertura econômica da década de 90. As empresas, inicialmente, assumiram uma postura bastante defensiva contra a entrada abrupta dos produtos importados, mas, em seguida, com a estabilização econômica e as facilidades de importação verificadas nesse período, abriram-se as possibilidades de modernização do parque fabril e seu alinhamento ao padrão produtivo internacional. Assim como o conjunto da indústria têxtil-confecções nacional, as empresas sediadas no Estado de Santa Catarina desenvolveram estratégias para acompanhar esse processo de mudança, tanto sob a perspectiva interna em relação à abertura econômica, quanto no que se refere às transformações no padrão de concorrência internacional do setor.

Destarte, o objetivo do presente trabalho é diagnosticar a capacidade competitiva das empresas do setor têxtil-confecções do Estado de Santa Catarina, com base no desempenho comercial verificado no período de 1996 a 2006, como resposta às mudanças no ambiente concorrencial, tanto no âmbito interno como externo, vistas a partir do início da década de 90. Para tanto, está dividido

em três partes, além desta **Introdução**. Na seção 2, realiza-se a descrição sumarizada do padrão de concorrência internacional, apontando-se os principais países produtores e exportadores; na seção 3, analisa-se o desenvolvimento do setor no Brasil e no Estado de Santa Catarina; e, por fim, na seção 4, sintetizam-se as principais conclusões.

2 Padrão concorrencial e estrutura produtiva internacional

A desverticalização produtiva, considerada como uma das características marcantes do novo padrão produtivo mundial, tem possibilitado que empresas dos diferentes setores transfiram parte do processo de fabricação a outros países, visando reduzir custos, compartilhar riscos, aumentar a produção, dentre outros aspectos. A indústria têxtil-confecções não está imune a tal processo, ainda que as distintas características dos elos de produção levem à manutenção de determinadas etapas produtivas no interior das empresas, por considerá-las vitais à construção de vantagens competitivas. Nesse sentido, se as etapas de fiação, beneficiamento e acabamento se encontram com maior grau de integração, o mesmo não ocorre com a fase de confecção, para a qual empresas, em grande monta, são subcontratadas por outras para a execução de etapas do processo produtivo.

A extensão do processo de desverticalização alcança magnitude transnacional, com a formação de cadeia global de valor, onde redes de fornecedores e distribuidores mundiais adquirem produtos com e sem

marcas de empresas domésticas, a fim de comercializá-los em mercados internacionais distintos. Características marcantes desse novo desenlace da indústria têxtil-confeções são os desenhos e os conteúdos das formas de coordenação e das estruturas de governança exigidas, sendo sempre itens de pauta das negociações o conteúdo do *design*, o volume de produção, o prazo de entrega, as formas de pagamentos, etc.

Tem-se verificado, ainda, no contexto das mudanças estruturais da indústria têxtil-confeções mundial, um processo de reposicionamento das bases produtivas entre os países produtores. De um lado, os países desenvolvidos estão concentrados na fabricação de tecidos e artigos do vestuário com maior valor agregado. Desse modo, estão sendo dirigidas a eles as atividades produtivas intensivas em capital e em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), que resultam na utilização de novas matérias-primas, novos acabamentos, novos tipos de *design*, enfim, em novo padrão de coleção e de moda, objetivando alcançar faixas de consumidores com poder aquisitivo elevado.

De outro, os países em desenvolvimento estão absorvendo com maior intensidade as atividades produtivas de menor intensidade tecnológica, caracterizadas por apresentar baixo grau de diversificação, alta intensidade de mão-de-obra e recursos naturais, além de serem geralmente fruto de processos imitativos das tendências apresentadas pelo primeiro grupo de países.

Nesses termos, os principais fatores competitivos vinculados à produção dos países em desenvolvimento são relativos a baixos custos de produção e escalas produtivas crescentes. Diante dessas características, os produtos penetram em mercados de menor poder aquisitivo, tanto interno quanto externo, dos países produtores.

Dentro do contexto da distribuição da produção em função da intensidade tecnológica, constata-se que há favorecimento desse processo, em decorrência dos acordos firmados entre países por meio de blocos de comércio internacional. Nesse caso, países desenvolvidos exportam produtos, matérias-primas ou produtos semi-acabados intensivos em tecnologia para os países em desenvolvimento que pertençam ao mesmo bloco, para que sejam realizadas as etapas intensivas em mão-de-obra, notadamente a confecção, retornando aos países de origem com condições tarifárias especiais. Desse modo, os países desenvolvidos têm-se beneficiado das vantagens obtidas dentro dos blocos para exportar a parcela da produção mais intensiva em mão-de-obra, concentrando as mais intensivas em tecnologia e valor.

A dinâmica de migração das etapas menos intensivas em capital para os países em desenvolvimento fica mais evidente, quando se verifica como está distribuída a cadeia têxtil-confeções no âmbito internacional. Note-se, com base nos dados dispostos na Tabela 1, que nove entre os 10 maiores países produtores são países em desenvolvimento, destacando-se os países asiáticos como os principais produtores. Desse conjunto de países, a China desponta como a grande produtora de tecidos e confeções, com cerca de 28% de toda a produção mundial, seguida pela Índia, com cerca de 8%.

Como consequência do fato de a China ser o maior produtor da cadeia têxtil-confeções internacional, ela também aparece como o maior país exportador dessa indústria. O grande volume de exportações dos produtos chineses é caracterizado pela maior representatividade dos produtos confeccionados em relação aos têxteis, conforme a Tabela 2. Tal fato é, em grande medida, influenciado pelo baixo custo da mão-de-obra nesse país. Observa-se também que diversos países, que antes não foram apresentados como grandes países produtores, agora aparecem como grandes países exportadores de produtos têxteis e de confeções. Dentre eles, destacam-se: Itália, Alemanha, França, Bélgica, Países Baixos e Reino Unido.

Assim como na China, em países como a Turquia e o México, a produção de artigos confeccionados é muito superior à produção de artigos têxteis. Essa constatação reforça a hipótese de migração do elo de confeções para países com farta oferta de mão-de-obra com baixo custo. A participação do Brasil no rol dos países exportadores é muito tímida, quando comparada ao seu volume de produção em toneladas, sugerindo uma baixa agregação de valor ao produto nacional, bem como uma produção direcionada, em grande parte, ao mercado doméstico.

Cabe verificar-se que houve uma mudança no marco regulatório do comércio da cadeia têxtil-confeções no âmbito internacional com o fim do Acordo Multifibras (MFA), que foi celebrado no início da década de 70, tendo perdurado até 1995. Esse acordo tinha como principal característica criar facilidade para a entrada de produtos têxteis e de vestuário de países em desenvolvimento para os mercados dos Estados Unidos, do Canadá e da Europa Ocidental (Gereffi, 2007). A desarticulação do referido acordo comercial deu-se no curso de 10 anos a partir de 1995, de maneira que a garantia de cotas foi sendo reduzida de forma gradual ao longo do tempo. O fim desse acordo possibilitou aos exportadores mais pujantes, como Índia, Paquistão, Vietnã e, principalmente, China, domi-

narem as importações dos Estados Unidos e dos países europeus.

No âmbito interno dos países em desenvolvimento, percebe-se que médias e grandes empresas têm-se dedicado cada vez menos à produção, preocupando-se cada vez mais em manter sob seu controle atividades de maior criação de valor. Assim, passam a concentrar esforços na construção de ativos intangíveis, como *design*, marca, *marketing* e distribuição, considerados como fases que possibilitam a obtenção de maior lucratividade empresarial. Para isso, empresas elegem critérios que procuram garantir controle sobre a qualidade dos produtos feitos por terceiros, em paralelo à adoção de estratégias tecnológicas e mercadológicas.

Considerada uma característica importante do paradigma produtivo mundial, a diferenciação de produtos constitui um caminho a ser perseguido pelas empresas do setor têxtil-confecções, de forma intensiva, dado que lhe é facultada a introdução de novos produtos a cada estação, outono-inverno e primavera-verão. As empresas participam do processo concorrencial, ampliando o leque de produtos ofertados, seja por meio da fabricação de novos produtos dentro das linhas já existentes, seja pela criação de novos produtos, até então não presentes no mercado. Nesses termos, a diferenciação de produtos constitui uma forma de alcançar novos espaços de vendas e de atingir distintos segmentos de renda do mercado consumidor.

Contudo a diferenciação de produtos depende do firmamento de outra característica que se mostra crescente nos espaços produtivos do setor têxtil-confecções. Trata-se dos esforços internos e externos de capacitação tecnológica empreendidos pelas empresas. No âmbito interno, empresas criam laboratórios de P&D, contratam profissionais especializados, adquirem equipamentos e destinam recursos anuais permanentes para procedimentos inovativos. No âmbito externo, procuram realizar ações que promovem informações tecnológicas que redundam em mudanças técnicas. Desse modo, fazem acompanhamento do estado tecnológico do setor, como também das tendências de coleção e de moda no mercado mundial. Nesse sentido, buscam manter interações constantes com fornecedores da indústria de bens de capital e ainda participar de feiras e eventos comerciais de maneira freqüente.

Nessa indústria, as formas de comercialização mostram-se diversas e, cada vez mais, estão sendo objeto de procedimentos inovativos pelas empresas. Levando-se em conta que a pauta dos produtos do setor têxtil-confecções abrange desde itens padronizados a itens com teores sofisticados, as formas de comercializa-

ção ocorrem para mercados ampliados como supermercados, hipermercados e redes especializadas de varejo, assim como em espaços de mercados selecionados como em lojas próprias, franqueadas e especializadas. Em ambos os grupos, observa-se a preocupação em aumentar a rentabilidade no varejo. Para tanto, empresas buscam agregar agilidade ao sistema de reposição de mercadorias, realizando investimentos em logística e informática, bem como se aproximar dos consumidores com o objetivo de colher informações úteis para correções no processo produtivo.

Tabela 1

Principais países produtores de artigos têxteis no mundo — 2003

PAÍSES E TOTAL	TÊXTIL		CONFECÇÕES		TOTAL	
	Quantidade (t)	%	Quantidade (t)	%	Quantidade (t)	%
China	14 944	28,5	11 987	26,9	26 931	27,7
Índia	4 118	7,8	3 772	8,5	7 890	8,1
Coréia do Sul	3 500	6,7	1 642	3,7	5 142	5,3
Estados Unidos	2 625	5	2 486	5,6	5 111	5,3
Turquia	2 084	4	1 854	4,2	3 938	4,1
Taiwan	2 648	5	1 037	2,3	3 685	3,8
Brasil	1 618	3,1	1 684	3,8	3 302	3,4
México	1 216	2,3	1 832	4,1	3 048	3,1
Paquistão	1 486	2,8	925	2,1	2 411	2,5
Tailândia	1 250	2,4	1 072	2,4	2 322	2,4
Japão	1 029	2	793	1,8	1 822	1,9
Canadá	388	0,7	919	2,1	1 307	1,3
Polônia	262	0,5	784	1,8	1 046	1,1
Romênia	150	0,3	859	1,9	1 009	1
Colômbia	214	0,4	534	1,2	748	0,8
Subtotal	37 529	71,5	32 178	72,1	69 707	71,8
Outros	14 966	28,5	12 442	27,9	27 408	28,2
TOTAL	52 495	100	44 620	100	97 115	100

FONTE: BRASIL TÊXTIL 2005: relatório setorial da cadeia têxtil brasileira. São Paulo: Free Press Editorial: IEMI. São Paulo, v. 5, n. 5, p. 180, ago. 2005.

Tabela 2

Principais países exportadores de artigos têxteis no mundo — 2003

RANKING E PAÍSES	TÊXTIL		CONFECÇÕES		TOTAL	
	Valor (US\$ milhões)	%	Valor (US\$ milhões)	%	Valor (US\$ milhões)	%
1º - China	26 901	15,9	52 061	23,0	78 962	20,0
2º - Hong Kong	13 084	7,7	23 152	10,2	36 236	9,2
3º - Itália	13 837	8,2	15 010	6,6	28 847	7,3
4º - Alemanha	14 043	8,3	9 133	4,0	23 176	5,9
5º - Estados Unidos	10 917	6,4	5 537	2,5	16 454	4,2
6º - Turquia	5 244	3,1	9 937	4,4	15 181	3,8
7º - França	7 553	4,5	6 623	2,9	14 176	3,6
8º - Coreia do Sul	10 122	6,0	3 605	1,6	13 727	3,5
9º - Índia	6 510	3,8	6 459	2,9	12 969	3,3
10º - Bélgica	7 240	4,3	5 029	2,2	12 269	3,1
11º - Taiwan	9 321	5,5	2 113	0,9	11 434	2,9
12º - Países Baixos	5 012	3,0	4 485	2,0	9 497	2,4
13º - México	2 102	1,2	7 343	3,2	9 445	2,4
14º - Reino Unido	4 581	2,7	4 093	1,8	8 674	2,2
15º - Paquistão	5 811	3,4	2 710	1,2	8 521	2,2
41º - Brasil	1 033	0,6	623	0,3	1 656	0,4
Subtotal	1 033	0,6	157 913	69,9	301 224	76,2
Outros	143 311	84,6	68 027	30,1	94 136	23,8
TOTAL	169 420	100	225 940	100	395 360	100

FONTE: BRASIL TÊXTIL 2005: relatório setorial da cadeia têxtil brasileira. São Paulo: Free Press Editorial: IEMI. São Paulo, v. 5, n. 5, p. 180, ago. 2005.

3 Dinâmica do comércio internacional do setor têxtil-confecções no Brasil e em Santa Catarina, entre 1996 e 2006

Esse conjunto de mudanças descritas no setor têxtil-confecções, no período mais recente, resulta internamente em efeitos comerciais relacionados à capacidade de inserção da produção nacional no comércio mundial e também nas condições de manutenção do domínio das empresas nacionais no mercado doméstico, haja vista que, após a mudança no marco regulatório que abriu o mercado interno para a concorrência externa no início da década de 90, as mudanças no padrão competitivo

internacional impõem às empresas nacionais respostas céleres.

Nesses termos, são amplamente discutidas na literatura a respeito da indústria nacional da década de 90 as transformações observadas no tecido produtivo, nesse período. O elemento desencadeador de tais transformações é o processo de abertura verificado na economia nacional, no início da mesma década. Seus reflexos nas estratégias empresariais são caracterizados por duas etapas distintas. A primeira denota o período inicial da abertura econômica, também caracterizado pela grande instabilidade econômica gerada pelos altos índices de inflação, em que as empresas apresentavam um forte comportamento defensivo, adotando apenas medidas de cunho organizacional para incrementar sua competitividade em relação aos concorrentes externos. A segunda está associada às mudanças mais incisivas no padrão produtivo, mediante a introdução de bens de capital com

tecnologia sofisticada e a adoção de mudanças nos processos produtivos, dentre as quais, a desverticalização produtiva e a formação de redes de empresas fornecedoras.

Não obstante esse processo, o setor têxtil-confecções nacional também acompanhou as ações verificadas no conjunto da estrutura da indústria nacional. Com efeito, foram introduzidos nas plantas do setor diversos equipamentos com microeletrônica embarcada, reduzindo a intensidade de mão-de-obra na produção, em particular nas etapas de fiação, tecelagem e acabamento. O segmento de confecções, apesar de ter adotado equipamentos mais modernos, ainda é um grande demandante de mão-de-obra.

Destarte, dentro desse contexto de mudança no padrão de concorrência observado no setor e da mudança no marco regulatório que abre o mercado nacional à concorrência externa, será desenvolvida uma avaliação do desempenho comercial das empresas do setor têxtil-confecções no âmbito nacional e mais precisamente no Estado de Santa Catarina. O objetivo é verificar se as ações desenvolvidas pelo empresariado no período de reestruturação surtiram os efeitos desejados no que tange à competitividade das empresas no Estado de Santa Catarina.

3.1 A evolução do comércio internacional no Brasil, entre 1996 e 2006

Para se avaliar o desempenho do comércio exterior do setor têxtil-confecções no âmbito nacional, no período de 1996 a 2006, além de se levarem em consideração as implicações que o fim do Acordo Multifibras representou para o comércio internacional do setor, também é preciso levar em conta a grande interferência da variação cambial no desempenho comercial externo do setor. Constatase que houve dois períodos de acentuada desvalorização cambial: a eliminação das bandas no início de 1999 e os anos de 2002 e 2003.

É possível perceber-se, no Gráfico 1, a interferência desses dois fatores na dinâmica comercial do setor no Brasil. No primeiro ano da série, nota-se que houve uma ligeira vantagem das exportações em relação às importações, caracterizando, portanto, um saldo positivo, porém pequeno. No ano seguinte, houve uma redução bastante consistente das exportações, já as importações permaneceram praticamente estáveis, conferindo um saldo comercial bastante negativo. Entre 1998 e 2000,

as importações mostraram um paulatino recuo, enquanto as exportações esboçaram reação, esse movimento caracteriza uma diminuição ano a ano do saldo negativo, até que, no ano de 2001, o saldo voltou a ser ligeiramente positivo. Nos anos seguintes, houve uma elevação das exportações, entretanto seguidas do aumento das importações, o que acabou levando, em 2006, novamente, a um saldo negativo no balanço comercial do setor.

É importante destacar-se que, dentro do período de 1996 a 2006, o biênio 1996-97 e o ano de 2006 apresentaram um grande volume de importação total (em média, US\$ 2,3 bilhões por ano). No primeiro período de grande volume de importações, o efeito câmbio recebia colaboração do problema existente na produção do algodão¹ para explicar o grande volume de importação do setor têxtil-confecções (Gorini, 2000). No ano de 2006, a expansão das importações para a casa dos US\$ 2,1 bilhões é explicada exclusivamente pelas vantagens que a moeda nacional valorizada trouxe para as importações, assim como o fim das restrições do Acordo Multifibras.

Quando se desagregam os dados do setor têxtil-confecções, constata-se que os saldos negativos foram muito mais significativos em relação às matérias-primas do que em relação aos tecidos e às confecções. Contudo verifica-se que a frequência de saldos negativos é maior em relação aos tecidos do que em relação às matérias-primas. Isso aponta a continuidade da forte concorrência que a indústria têxtil nacional sofre em relação à importação de tecidos acabados. Cabe aqui, novamente, ressaltar-se que é nesse elo que recai a necessidade de maior zelo em virtude de seus encadeamentos a montante e a jusante. Note-se que os saldos positivos exibidos pelas confecções têm fator decisivo para o total exportado do setor no País, conforme a Tabela 3.

Os principais artigos que colaboraram para a ocorrência desses saldos negativos no período de 1996 a 2006 são os tecidos sintéticos ou artificiais. Essa constatação baseia-se em dois elementos marcantes nos primeiros cinco anos do período em análise. O primeiro refere-se ao fato de que, ainda que a importação de

¹ Durante a década de 90, a produção de algodão apresentou forte redução devido à decadência dessa cultura nos Estados de São Paulo e do Paraná. Todavia, nesse mesmo período, essa atividade começou a ser desenvolvida na Região Centro-Oeste e na segunda metade da década de 1990, apresentando grandes ganhos em produtividade em relação à região anterior. Desse modo, criou-se grande estímulo para o aumento da cultura na região, de maneira que, já no final da década de 90, a produção nacional de algodão voltou à normalidade (Análise..., 2000).

algodão tenha pressionado o saldo comercial do setor na década de 90, sua oferta doméstica já era crescente no ocaso da década, de modo que sua interferência no volume de importações era a cada ano menor. O segundo, e mais relevante, é que a demanda por matérias-primas e tecidos de origem sintética e artificial passou a ser cada vez maior. Tal crescimento decorre do aumento da intensidade da produção nacional baseada em fibras sintéticas e artificiais. Como o processo de reestruturação do setor não privilegiou o elo de fiação de fibras sintéticas e artificiais, devido ao elevado custo de modernização dessas plantas (Gorini, 2000), o crescimento na demanda repercutiu em aumento da importação desses insumos.

Entre os 12 principais países de destino das exportações brasileiras, vê-se, com base na Tabela 4, que, no período de 1996 a 2006, a Argentina e os Estados Unidos foram os mercados que mais se destacaram como compradores das exportações brasileiras. Com respeito ao mercado argentino, é possível verificar-se, com bastante clareza, o impacto da crise argentina para o agregado de importações do setor têxtil-confecções brasileiro, isto porque o volume observado em 2002 foi quase um terço do volume exportado no ano anterior. Todavia, nos anos seguintes, houve uma recuperação no volume de exportações do setor para o mercado argentino. Concernente aos Estados Unidos, nota-se que, desde 2000, vem ocorrendo uma expansão das exportações para esse país, de maneira que, em 1999, foram exportados US\$ 183 milhões, e, no ano de 2005 (ano de maior volume de exportações da série), foram exportados US\$ 514 milhões.

Em relação ao destino por blocos econômicos, o Mercosul é o principal destino das exportações brasileiras do setor têxtil-confecções, seguido pelo NAFTA e pela União Européia, conforme os dados da Tabela 5. Entretanto percebe-se que, nos últimos anos, as exportações destinadas ao NAFTA cresceram mais que o observado nos outros blocos econômicos. Esse crescimento pode ser explicado pela elevação de volume das exportações para o México, como pode ser visualizado na Tabela 4.

Entre os anos de 1996 e 2006, observa-se que houve uma mudança dos principais países de origem das importações brasileiras de produtos do setor têxtil-confecções. Os países asiáticos ganharam grande espaço entre os países que exportam tecidos e confecções para o Brasil, e, dentre esses, destacam-se a Indonésia, que exportava US\$ 21 milhões em 1996 e, no ano de 2006, exportou para o Brasil US\$ 227 milhões; a China, que, no mesmo período, passou de US\$ 147

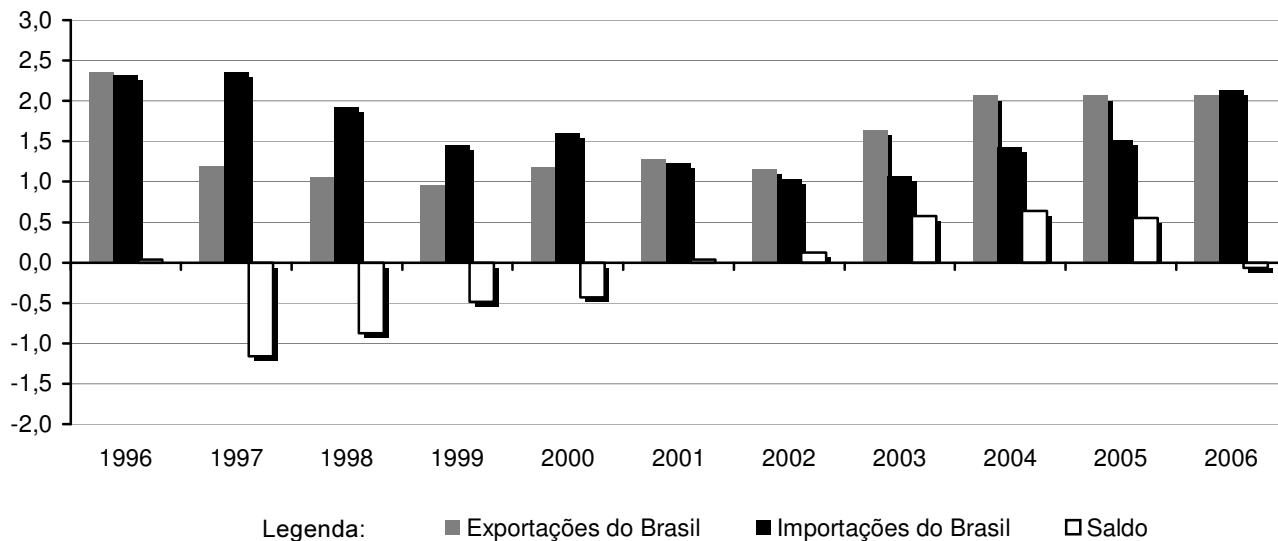
milhões para US\$ 606 milhões; e a Índia, que passou de US\$ 42 milhões para US\$ 127 milhões no período. Entre os países que perderam participação na exportação de artigos da cadeia têxtil-confecções para o Brasil, encontram-se a Argentina, que exportou US\$ 417 milhões em 1996 e, em 2006, exportou apenas US\$ 142 milhões, os Estados Unidos, que exportavam 303 milhões em 1996 e exportaram US\$ 190 milhões em 2006, conforme pode ser detectado na Tabela 6.

No tocante à origem das importações do setor têxtil-confecções brasileiro desagregado por blocos econômicos, verifica-se que houve grande redução de participação dos principais blocos econômicos mundiais no rol das importações brasileiras no setor. A partir dos dados expostos na Tabela 7, nota-se que o Mercosul, que apresentava um volume de US\$ 694 milhões em 1996, recuou até US\$ 142 milhões em 2003, recuperando-se ligeiramente até 2006, quando as importações desse bloco foram da ordem de US\$ 194 milhões. O NAFTA e a União Européia também diminuíram o volume importado para o Brasil. Tal movimento de redução da entrada de produtos dos principais blocos econômicos que comercializam com o Brasil foi, em grande medida, influenciado pela entrada dos produtos asiáticos, como pode ser visto na série de outros blocos, que passou de US\$ 186 milhões em 1996 para US\$ 1243 milhões em 2006.

Gráfico 1

Exportações, importações e saldo comercial do setor têxtil-confecções no Brasil — 1996-06

(US\$ bilhões FOB)



FONTE: FERNANDES, Ricardo Lopes. **Capacitação e estratégias tecnológicas das empresas líderes da indústria têxtil-confecções no Estado de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Economia, 2008. 256p. (dados da Secex).

Tabela 3

Exportações, importações e saldo do setor têxtil-confecções, desagregado por tipo de produto, do Brasil — 1996-06

(US\$ milhões FOB)

ANOS	MATÉRIAS-PRIMAS (1)			TECIDOS (2)		
	Exportações	Importações	Saldo	Exportações	Importações	Saldo
1996	1 664	1 644	21	216	325	-109
1997	461	1 557	-1 096	282	373	-91
1998	400	1 232	-831	233	335	-102
1999	352	971	-619	203	281	-77
2000	436	1 128	-692	202	305	-103
2001	556	793	-237	174	257	-83
2002	491	698	-207	150	205	-55
2003	792	740	52	211	203	8
2004	1 046	1 003	43	283	244	39
2005	1 046	940	106	283	312	-29
2006	1 009	1 306	-296	423	432	-9

ANOS	CONFECÇÕES (3)			TOTAL		
	Exportações	Importações	Saldo	Exportações	Importações	Saldo
1996	475	350	125	2 355	2 319	37
1997	446	416	30	1 189	2 346	-1 157
1998	411	353	58	1 044	1 920	-875
1999	398	189	209	953	1 441	-487
2000	535	170	365	1 173	1 603	-430
2001	538	179	360	1 268	1 229	40
2002	510	129	382	1 151	1 032	120
2004	731	173	558	2 060	1 420	640
2005	731	260	471	2 060	1 512	548
2006	634	399	235	2 066	2 137	-70

FONTE: FERNANDES, Ricardo Lopes. **Capacitação e estratégias tecnológicas das empresas líderes da indústria têxtil-confecções no Estado de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Economia, 2008. 256p. (dados da Secex).

(1) Englobam os seguintes artigos: lã, pêlos finos ou grosseiros e tecidos de crina; algodão; outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc.; filamentos sintéticos ou artificiais; fibras sintéticas ou artificiais descontínuas. (2) Englobam os seguintes artigos: pastas (*ouates*), feltros e falsos tecidos, etc.; tapetes, outros revestimentos para pavimentos, de materiais têxteis; tecidos especiais, tecidos tufados, tapeçarias, etc.; tecidos impregnados, revestidos, recobertos, etc.; tecidos de malha. (3) Englobam os seguintes artigos: vestuário e seus acessórios de malha; vestuário e seus acessórios, exceto malha; outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc.

Tabela 4

Principais países de destino das exportações de produtos do setor têxtil-confecções do Brasil — 1996-06

	(US\$ milhões FOB)										
PAÍSES E TOTAL	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Argentina	279	352	349	306	343	295	117	338	377	447	493
Estados Unidos ...	226	236	171	183	267	273	375	463	508	514	466
Chile	59	46	41	48	58	56	62	59	72	79	74
Paquistão	1	0	0	0	0	7	2	6	40	87	70
México	8	11	11	14	16	23	33	36	44	55	68
Colômbia	48	45	59	58	59	63	59	59	61	54	59
Venezuela	9	8	9	8	12	32	25	21	35	41	55
Indonésia	1	0	0	0	2	17	8	20	64	55	54
Uruguai	56	54	52	45	44	49	34	37	45	49	53
China	2	3	1	0	1	1	15	40	32	110	51
Holanda	21	18	13	11	19	27	29	25	44	33	49
Paraguai	72	75	66	48	52	36	19	28	37	46	47
Outros	419	340	276	236	299	388	374	501	697	613	520
TOTAL	1 202	1 189	1 049	958	1 173	1 267	1 152	1 633	2 054	2 183	2 059

FONTE: FERNANDES, Ricardo Lopes. **Capacitação e estratégias tecnológicas das empresas líderes da indústria têxtil-confecções o Estado de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Economia, 2008. 256p. (dados da Secex).

Tabela 5

Exportações de produtos do setor têxtil-confecções, por blocos comerciais, do Brasil — 1996-06

	(US\$ milhões FOB)										
BLOCOS E TOTAL	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Mercosul	407	481	365	399	439	306	170	403	332	541	592
NAFTA	259	272	149	218	310	246	435	531	428	594	552
União Européia	248	184	118	139	166	151	212	264	235	281	228
Outros	288	251	412	197	258	564	335	437	1064	644	694
TOTAL	1 202	1 189	1 045	953	1 173	1 268	1 152	1 634	2 059	2 059	2 066

FONTE: FERNANDES, Ricardo Lopes. **Capacitação e estratégias tecnológicas das empresas líderes da indústria têxtil-confecções no Estado de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Economia, 2008. 256p. (dados da Secex).

Tabela 6

Principais países de origem das importações de produtos do setor têxtil-confecções do Brasil — 1996-06

											(US\$ milhões FOB)
PAÍSES E TOTAL	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
China	147	166	104	58	60	91	93	152	250	356	606
Indonésia	21	36	38	28	39	47	68	75	98	138	227
Estados Unidos	303	308	248	162	254	138	112	166	221	129	190
Argentina	417	455	346	292	218	170	114	91	127	138	142
Índia	42	59	58	28	24	19	27	28	49	81	127
Taiwan	86	103	95	98	145	114	115	105	122	90	112
Coréia do Sul	124	144	124	106	145	153	138	73	92	96	106
Itália	98	110	97	70	71	64	40	41	54	56	70
Alemanha	43	31	26	22	27	27	29	30	40	39	45
Tailândia	12	12	12	9	11	8	8	8	16	31	44
Hong Kong	22	29	39	27	22	22	16	15	23	32	42
Paraguai	186	100	87	73	82	37	32	42	55	22	36
Outros	818	795	647	469	505	339	239	236	274	303	389
TOTAL	2 318	2 346	1 920	1 440	1 602	1 229	1 032	1 059	1 419	1 511	2 137

FONTE: FERNANDES, Ricardo Lopes. **Capacitação e estratégias tecnológicas das empresas líderes da indústria têxtil-confecções no Estado de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Economia, 2008. 256p. (dados da Secex).

Tabela 7

Importações de produtos do setor têxtil-confecções, por blocos econômicos regionais, do Brasil — 1996-06

											(US\$ milhões FOB)
BLOCOS E TOTAL	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Mercosul	694	669	519	417	347	232	157	142	196	177	194
NAFTA	1 138	1 104	869	638	677	426	306	345	467	358	440
União Européia	302	276	242	217	247	213	166	171	210	225	260
Outros	186	298	290	167	332	358	404	401	547	752	1 243
TOTAL	2 318	2 346	1 920	1 440	1 602	1 229	1 032	1 059	1 419	1 511	2 137

FONTE: FERNANDES, Ricardo Lopes. **Capacitação e estratégias tecnológicas das empresas líderes da indústria têxtil-confecções no Estado de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Economia, 2008. 256p. (dados da Secex).

3.2 A evolução do comércio internacional em Santa Catarina, entre 1996 e 2006

Por sua vez, o Estado de Santa Catarina, no que diz respeito ao desempenho exportador no período de 1996 a 2005, não mostrou os mesmos resultados alarmantes do restante do País. Um ponto importante a ser enfatizado quanto a isso é que a produção do Estado é caracterizada pelo uso de matéria-prima de origem natural, principalmente o algodão. Como esses produtos sofrem menor concorrência dos produtos oriundos dos países asiáticos, notadamente da China, a produção do Estado ficou mais protegida de tais importações.

Outro ponto relevante destacado pelo IEL/CNA/SEBRAE (2000) acerca do desempenho do comércio internacional do setor têxtil-confecções catarinense é que, como as empresas desse estado, antes mesmo da abertura econômica da década de 90, desenvolviam estratégias de inserção no mercado internacional, estas promoveram maior capacitação tecnológica, resultando em vantagens em relação à concorrência que veio de fora nesse período.

Verifique-se, portanto, no Gráfico 2, que não ocorreram saldos negativos no período de 1996 a 2006, ainda que, no último ano, o saldo apresentado seja bastante diminuto. Em relação às exportações, constata-se que o pior desempenho aconteceu nos anos 2003 e 2004, os únicos que ficaram abaixo da casa dos US\$ 250 milhões. Observando-se de outra maneira, verifica-se que esses dois anos exprimem uma mudança da trajetória de redução das exportações iniciada a partir de 2001 e que 2004 representa o início da recuperação do volume de exportações do setor têxtil-confecções no Estado de Santa Catarina. A redução no volume de exportações a partir de 2001 decorreu de reflexos da crise argentina nesse ano e nos seguintes, como se verá mais adiante a partir dos dados por país. No tocante às importações, percebe-se que há uma trajetória decrescente desde 1998, em que o ano de menor valor também é 2003, de modo que os anos seguintes também são caracterizados pela recuperação do volume de importações. Nesse caso, o motivo é diverso do verificado nas exportações, notando-se grande interferência da política cambial adotada a partir de 1999 no País.

Em relação ao desempenho comercial desagregado por tipo de produto, verifica-se, conforme a Tabela 8, o pujante crescimento da participação do segmento de confecções no Estado de Santa Catarina. Tal crescimento

se reflete na geração de elevados saldos positivos para o segmento. Diferentemente, as matérias-primas pressionaram o saldo da balança comercial em todos os anos, notadamente em 2006, o que aponta uma continuidade desse quadro, levando-se em consideração o comportamento da taxa de câmbio durante o ano de 2007. Quanto à importação de tecidos, apesar dos saldos negativos nos primeiros anos da série, isso não continuou acontecendo nos anos seguintes, indicando um cenário mais tranquilo em relação aos saldos comerciais desses produtos.

Analisando-se os principais destinos das exportações do setor têxtil-confecções do Estado de Santa Catarina, constata-se que, no período de 1996 a 2006, ocorreu um processo de concentração das exportações para os Estados Unidos. Porém, no ano de 1996, o principal destino das exportações do Estado era a Alemanha, seguida pelos Estados Unidos e pela Argentina. As exportações para a Argentina sofreram grande impacto negativo a partir do ano de 2002, em virtude da crise econômica vivenciada por ela nesse período. É possível verificar-se nos dados que o volume exportado para o referido país passou de US\$ 49 milhões, em 2001, para pouco mais de US\$ 4,5 milhões no ano seguinte. Nos anos que seguiram a crise da Argentina, o comércio com esse país foi voltando paulatinamente ao patamar anterior à crise, conforme revelam os dados da Tabela 9.

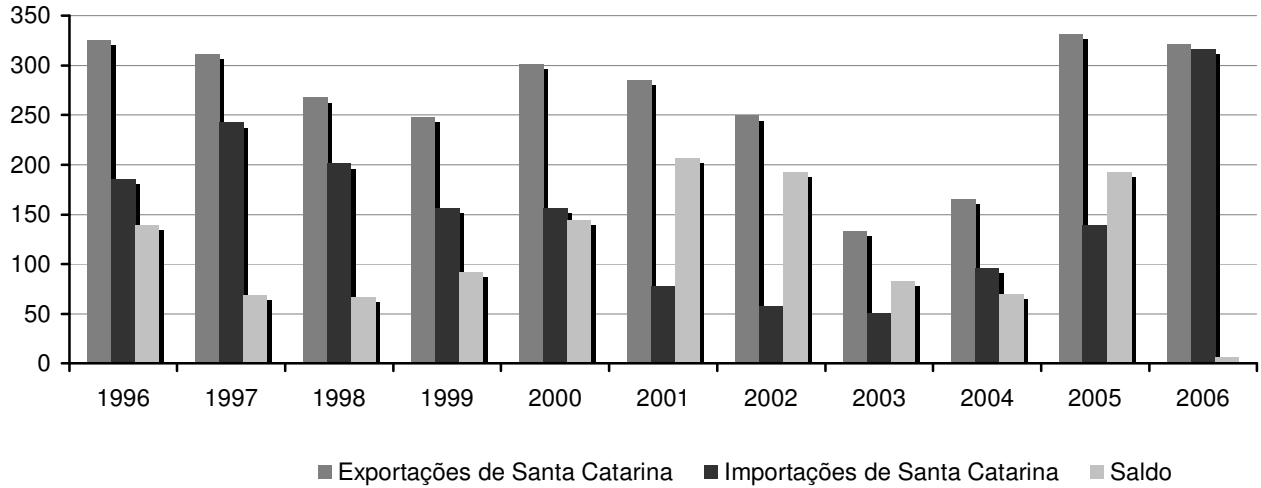
Ao se observar o destino das exportações do setor têxtil-confecções catarinense desagregadas por blocos comerciais, de acordo com a Tabela 10, nota-se que, no ano de 1996, o principal destino era a União Européia, seguida pelo Mercosul e pelo NAFTA; todavia, no final do período, essa relação se inverteu e se mostrou bastante instável no período. Desse modo, o NAFTA aparece como o maior dos destinos das exportações catarinenses. Tal fato mostra-se bastante proeminente entre 2002 e 2005, quando os países do NAFTA absorveram grande parte do volume que deixou de ser exportado para o Mercosul em razão da crise argentina.

Com respeito à origem das importações de têxteis e confeccionados no Estado de Santa Catarina, percebe-se, com base na Tabela 11, que o volume adquirido da China cresceu muito nos 11 anos que compõem a série em análise, em particular em 2005 e 2006, cujos valores passaram de cerca de US\$ 2 milhões para US\$ 7 milhões respectivamente. Em apoio a esse movimento, inserem-se a política de apreciação cambial e o fim do Acordo Multifibras sobre o comércio externo dos setores têxtil-confecções brasileiro e catarinense.

Gráfico 2

Exportações, importações e saldo comercial do setor têxtil-confecções no Estado de Santa Catarina — 1996-06

(US\$ milhões FOB)



FONTE: FERNANDES, Ricardo Lopes. **Capacitação e estratégias tecnológicas das empresas líderes da indústria têxtil-confecções no Estado de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Economia, 2008. 256p. (dados da Secex).

Tabela 8

Exportações, importações e saldo do setor têxtil-confecções desagregados por tipo de produto em Santa Catarina — 1996-06

(US\$ milhões FOB)

ANOS	MATÉRIAS-PRIMAS (1)			TECIDOS (2)		
	Exportações	Importações	Saldo	Exportações	Importações	Saldo
1996	20	163	-142	10	12	-1
1997	19	211	-192	8	15	-7
1998	15	176	-161	8	13	-5
1999	1	139	-138	8	12	-5
2000	13	139	-127	8	12	-4
2001	11	66	-55	7	7	0
2002	0	49	-48	7	6	1
2003	17	42	-25	9	6	3
2004	21	82	-61	18	9	9
2005	1	107	-105	19	17	2
2006	20	241	-221	38	29	9

ANOS	CONFECÇÕES (3)			TOTAL		
	Exportações	Importações	Saldo	Exportações	Importações	Saldo
1996	295	12	283	325	187	138
1997	285	17	268	312	243	69
1998	244	12	232	267	201	66
1999	239	5	234	248	156	92
2000	280	5	275	301	156	145
2001	267	5	262	285	78	207
2002	242	3	240	249	58	191
2003	107	3	105	133	51	82
2004	127	6	122	166	97	69
2005	311	15	296	331	139	192
2006	263	46	218	321	316	5

FONTE: FERNANDES, Ricardo Lopes. **Capacitação e estratégias tecnológicas das empresas líderes da indústria têxtil-confecções no Estado de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Economia, 2008. 256p. (dados da Secex).

(1) Englobam os seguintes artigos: lã, pêlos finos ou grosseiros e tecidos de crina; algodão; outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc.; filamentos sintéticos ou artificiais; fibras sintéticas ou artificiais descontínuas. (2) Englobam os seguintes artigos: pastas (*ouates*), feltros e falsos tecidos, etc.; tapetes, outros revestimentos para pavimentos, de materiais têxteis; tecidos especiais, tecidos tufados, tapeçarias, etc.; tecidos impregnados, revestidos, recobertos, etc.; tecidos de malha. (3) Englobam os seguintes artigos: vestuário e seus acessórios de malha; vestuário e seus acessórios, exceto malha; outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc.

Tabela 9

Principais países de destino das exportações de produtos do setor têxtil-confecções de Santa Catarina — 1996-06

(US\$ milhões FOB)

PAÍSES E TOTAL	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
EUA	44	47	50	62	82	79	111	132	126	116	81
Argentina	42	57	36	38	52	49	5	17	29	34	38
Alemanha	58	35	26	26	25	24	27	27	26	20	11
Chile	12	10	9	8	11	8	9	9	10	11	9
Itália	7	6	4	4	2	2	3	4	5	5	6
Paraguai	11	13	10	7	8	8	4	4	5	7	7
Outros	79	76	67	58	60	61	57	65	87	85	81
TOTAL	252	243	201	203	240	232	216	258	287	279	232

FONTE: FERNANDES, Ricardo Lopes. **Capacitação e estratégias tecnológicas das empresas líderes da indústria têxtil-confecções no Estado de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Economia, 2008. 256p. (dados da Secex).

Tabela 10

Exportações de produtos do setor têxtil-confecções, por blocos econômicos regionais, de Santa Catarina — 1996-06

(US\$ milhões FOB)											
BLOCOS	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
NAFTA	45	49	53	64	86	82	113	136	130	121	86
Mercosul	61	79	58	55	72	72	18	28	46	53	55
União Européia ...	111	78	58	59	53	51	59	69	83	69	59
Outros	35	36	32	26	30	27	25	24	29	36	32
TOTAL	252	243	201	203	240	232	216	258	287	279	232

FONTES: FERNANDES, Ricardo Lopes. **Capacitação e estratégias tecnológicas das empresas líderes da indústria têxtil-confecções no Estado de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Economia, 2008. 256p. (dados da Secex).

Tabela 11

Principais países de origem das importações de produtos do setor têxtil-confecções de Santa Catarina — 1996-06

(US\$ milhões FOB)						
ANOS	EUA	ARGENTINA	CHINA	ITÁLIA	OUTROS	TOTAL
1996	160 370	75 699	442 255	120 984	3 067 733	3 867 041
1997	199 007	402 939	256 561	119 910	2 731 857	3 710 274
1998	16 837	229 954	47 144	114 007	2 596 598	3 004 540
1999	8 715	49 523	27 125	9 248	967 426	1 062 037
2000	836	156 734	31 272	82 738	1 729 173	2 000 753
2001	7 411	284 067	283 160	69 193	1 036 882	1 680 713
2002	7 108	157 954	503 316	21 259	509 698	1 199 335
2003	4 085	38 157	126 733	2 062	497 807	668 844
2004	0	313 642	597 879	717	1 041 992	1 954 230
2005	74 485	804 663	2 185 734	19 210	1 456 960	4 541 052
2006	27 434	195 059	7 329 527	249 493	3 827 327	11 628 840

FONTES: FERNANDES, Ricardo Lopes. **Capacitação e estratégias tecnológicas das empresas líderes da indústria têxtil-confecções no Estado de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Economia, 2008. 256p. (dados da Secex).

3.3 A dinâmica comercial do setor têxtil-confecções no Brasil e em Santa Catarina: balanço dos resultados

Um dos pontos mais importantes verificados na análise do desempenho do comércio exterior do setor têxtil-confecções é que há uma grande relação entre o seu desempenho e a variação cambial. Foi constatado que, com a desvalorização cambial, as exportações crescem, e os saldos vão-se tornando positivos na medida em que o tempo passa. Porém, com a valorização do real frente ao dólar vista nos últimos anos, a tendência

de saldos negativos volta a ser observada, cuja contribuição para tal ocorrência está fortemente associada ao ingresso significativo de produtos chineses nesse segmento, nos últimos anos, cuja demanda é estimulada pela conjugação de preços baixos com moeda nacional forte em relação à moeda padrão mundial de transação.

Nesses termos, o que se verifica é que houve uma relativa estabilidade das exportações do segmento têxtil no Brasil e no Estado de Santa Catarina, no período que compreende 1996 a 2006. Tal estabilidade pode ser entendida como a manutenção de posições alcançadas anteriormente pelas indústrias têxteis nacional e estadual. Entretanto, ainda que se tenha observado a realização de investimentos em melhorias tecnológicas no setor, na década de 1990, essas melhorias não foram capazes,

por si só, de alavancar a inserção do setor nos mercados internacionais. Por outro lado, o movimento das importações, na série analisada, mostra-se ondular, com registros que indicam valores maiores no início da série, seguidos de redução no seu interior e retomada, nos últimos anos de trajetória de crescimento, tanto para o Brasil como para Santa Catarina, em resposta à política cambial interna e às regras de comércio externo. Contudo é relevante destacar-se, a respeito das importações brasileiras e catarinenses, que os países asiáticos ocuparam grande parte do espaço comercial de vendedores cativos, como os Estados Unidos e a Argentina.

4 Conclusões

A indústria têxtil-confecções mundial, pertencente ao grupo dos segmentos produtores tradicionais de uma estrutura industrial, apresenta volume significativo de produção procedente dos países em desenvolvimento. Nesse contexto, o Brasil figura, ao lado da China, da Índia e da Coreia do Sul, entre os principais países produtores. A produção brasileira direciona-se, em grande monta, para o mercado interno. As exportações, apesar de evidenciarem trajetória de crescimento nos últimos anos, apresentam participação reduzida, em comparação com a *performance* dos maiores países produtores. Em complemento à produção nacional, adicionam-se os produtos importados para atendimento do mercado doméstico, cuja magnitude tem possibilitado a ocorrência de déficit na balança comercial do setor têxtil-confecções, em alguns anos do período em análise, justificada, dentre outros motivos, pela política cambial praticada e pelo fim das restrições estabelecidas pelo Acordo Multifibras firmado entre países.

O Estado de Santa Catarina figura entre os principais parques produtivos do setor têxtil-confecções do Brasil. A produção destina-se, a exemplo da produção nacional, para o mercado doméstico em sua maior proporção, porém, em Santa Catarina, as exportações mostram-se mais dinâmicas em relação ao comportamento nacional. As exportações são significativamente superiores às importações, à exceção de um ano na série temporal estudada, indicando resultado positivo na maioria dos anos da balança comercial da cadeia têxtil-confecções estadual. Nesse quadro, os valores comercializados com confecções no exterior são superiores aos de tecidos, enquanto as importações de tecidos superam os valores com venda desse produto fabricado internamente para o exterior.

No tocante ao destino das exportações brasileiras, em geral, e catarinenses, em particular, os principais mercados são Estados Unidos e Argentina, tanto em têxtil como em confecções, ao longo dos anos. Destaque deve ser dado para o mercado latino-americano como espaço de venda de produtos pelas empresas nacionais e catarinenses, pois, além da Argentina, são parceiros comerciais o Paraguai, o Chile, a Venezuela, o Uruguai e a Colômbia. Nos últimos anos, em ambos os espaços, nacional e estadual, registram-se compras dos produtos do setor têxtil-confecções da China em percentuais crescentes, indicando mudança no quadro de origem dos produtos importados.

Tais registros expressam o comportamento recente dessa indústria no mercado internacional sob as luzes de um processo de transformação no padrão produtivo setorial. As modificações processadas nas esferas produtiva, distributiva e concorrencial têm sido assimiladas pelas empresas nacionais e, sobretudo, pelas que atuam no Estado de Santa Catarina. As transformações no padrão produtivo mundial reservam às empresas dos países em desenvolvimento etapas mais intensivas em mão-de-obra e menos intensivas em capital, portanto, menos agregadoras de valor ao produto.

Contudo o parque industrial catarinense, por contar com uma estrutura produtiva especializada na fabricação de produtos derivados de algodão, sobretudo no segmento de cama, mesa e banho, e por atuar no mercado internacional antes mesmo da mudança no regime concorrencial dos anos 90, possui posição mais sustentável, no mercado internacional, em relação ao comportamento exportador nacional. A magnitude do volume de produtos exportados, bem como dos valores superavitários obtidos na balança comercial do setor têxtil-confecções estadual, são expressões da inserção ativa dessa indústria no mercado internacional.

Entretanto, ainda que as respostas empresariais tenham sido positivas, constitui fonte de preocupação a trajetória de crescimento das importações, em particular de tecidos, nos últimos tempos, pelo fato de que sua continuidade pode desarticular um elo central da cadeia produtiva — a tecelagem. A persistência desse quadro tem como consequência a destruição não só da estrutura produtiva doméstica, tanto em termos de empresas como de empregos, mas também de processos de aprendizagem produtiva obtida ao longo de muitos anos. A agressividade comercial imposta pelos países asiáticos no mercado externo, a valorização da moeda doméstica em relação à moeda internacional e o fim do sistema de proteção acordado entre os países colocam, no momento, novos desafios, dentre esses, estabelecer ações

estratégicas para garantir a soberania mercadológica no ambiente interno e as posições conquistadas no mercado mundial.

Referências

ANÁLISE econômica e da competitividade da cadeia têxtil brasileira. Brasília: IEL; CNA; SEBRAE, 2000. 480p.

BRASIL TÊXTIL 2005: relatório setorial da cadeia têxtil brasileira. São Paulo: Free Press Editorial: IEMI. São Paulo, v. 5, n. 5, p. 180, ago. 2005.

FERNANDES, Ricardo Lopes. **Capacitação e estratégias tecnológicas das empresas líderes da indústria têxtil-confecções no Estado de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Economia, 2008. 256p.

FERRAZ, João Carlos. A herança da crise econômica e o contexto da indústria no início dos anos 90. In: _____. **Made in Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1995. 386p.

GEREFFI, Gary. Promessa e desafios do desenvolvimento. **Tempo Social: revista de sociologia da USP**. [São Paulo], v. 19, n. 1, p. 223-248, jul. 2007.

GORINI, Ana Paula Fontelle. Panorama do setor têxtil no Brasil e no mundo: reestruturação e perspectivas. **BNDES Setorial**. Rio de Janeiro, n. 12, p. 17-50, set. 2000.